

EDITORIAL HOMENAGEM A MARYSE CONDÉ

A ideia de um número dedicado a escritoras-críticas foi se articulando em torno de Maryse Condé – aliás, é dela a imagem no grupo de whatsapp da equipe que organizou o presente dossiê da *Revista Criação e Crítica*. Ela foi também o eixo do curso de pós-graduação “Escritoras do Caribe Francófono e os Espaços de (re)Criação Crítica” ministrado no segundo semestre de 2023 no Programa LETRA da USP. Enquanto trabalhávamos com a leitura e a avaliação dos muitos textos submetidos ao dossiê da revista, tivemos a notícia de sua morte aos 90 anos no dia 02 de abril de 2024. Portanto, de muitas maneiras, este número é uma homenagem a Maryse Condé.

Celebrada por uma produção ficcional de grande fôlego e traduzida em diversas línguas, Maryse Condé é o retrato de uma escritora-crítica, na medida em que sua atividade de análise, de reflexão e de julgamento da matéria literária, para além de artigos para jornais e revistas, se espria também em ensaios, entrevistas, narrativas autobiográficas, peças de teatro, romances. Tomando da paródia os meios e o tom, a crítica de Condé se constrói como atividade essencialmente criativa. E, por isso mesmo, subversiva. É possível imaginar que, de todos os rótulos que tentaram colar à sua produção de mulher negra de Guadalupe, “subversiva” fosse até bem acolhido por alguém que assumiu uma postura autoral (e pessoal) de constante oposição.

Quem também questiona as fronteiras e borra as margens é a escritora-professora-artista plástica-pesquisadora haitiana-quebequense Stéphane Martelly, que gentilmente autorizou a reprodução da tela “Ici il faut danser” (2011), de sua autoria, na capa desta edição. Autora do livro de poesia *Inventaires 2010-2015*, publicado em 2016, Stéphane Martelly assume como princípio de sua produção uma abordagem transdisciplinar, que faz dialogar reflexão, teoria e criação. Em *Les jeux du dissemblable: folie, marge et féminin en littérature haïtienne contemporaine* (2016), resultante de sua tese de doutorado, também se observa essa postura, como podemos ler no excerto “Loucura” (“Folie”), que abre este número, com tradução de Viviane Araújo Alves da Costa Pereira (UFPR).

No texto “A construção da autoria a partir da crítica: leitura dos ensaios de George Eliot”, Monica Chagas da Costa (UFRGS), aborda ensaios da escritora inglesa oitocentista George Eliot para discutir o conceito de autoria mobilizado por ela para analisar a literatura da época. A literatura feminina é comentada por Eliot e

algumas questões relativas ao gênero são tematizadas, sobretudo com a exigência ao desenvolvimento de uma estética própria.

O ensaísmo mais contemporâneo é o objeto de estudo do “Nomear, um conceito teórico-poético feminista nas obras de Audre Lorde e Adrienne Rich”, de Taís Bravo Cerqueira (Puc-Rio). Nele, a autora parte da análise de um poema e de ensaios para investigar o ato de nomear enquanto um conceito teórico-poético.

O vínculo entre filosofia e ficção é discutido no texto “Uma crítica à noção de educação estética iluminista: os argumentos feministas de Hélène Cixous e Virginia Woolf como suplemento no debate da *Bildung*”, de Mariana Muniz Pivanti (UERJ). As autoras Virginia Woolf e Hélène Cixous, com apoio conceitual de Spivak, contribuem filosoficamente para o debate sobre a autoformação do indivíduo moderno (*Bildung*).

A partir da leitura de autoras em diferentes séculos de produção ocidental, o artigo “A educação feminina: diálogos entre Christine de Pizan, Mary Wollstonecraft e Jane Austen”, de Maria do Carmo Balbino Galeno (UFPA), investiga a reivindicação que as autoras fazem quanto à liberdade de pensamento, identificando na razão uma forma de resistência ao mundo patriarcal. Partindo da idade média, passando pelo fim do séc. XVIII e chegando ao XIX, a autora constroi o diálogo das três escritoras estudadas com uma rica bibliografia contemporânea sobre a escrita feminina.

A crítica contemporânea brasileira de autoria feminina é abordada no artigo “A vida e o futuro da crítica com Leyla Perrone-Moisés”, Gabriel Carra (USP), apresenta a concepção de papel da crítica literária para Leyla Perrone-Moisés em diversos momentos de sua trajetória intelectual.

A ficção histórica marcou a vasta produção de Dinah Silveira de Queiroz, mas a escritora também atuou como crítica literária na imprensa. Esse é o tema do artigo de Ana Cristina Steffen (PUC-RS), “Dinah Silveira de Queiroz, literatura e história: algumas concepções”, que articula essa produção crítica da escritora com seus romances históricos *A muralha* e *Os invasores*. Também articulando romance e crítica literária, o artigo “Maria Teresa Horta e a intervenção crítica por meio do romance *As luzes de Leonor*”, de Jaqueline Vieira de Lima (IFES), investiga a reconstituição da trajetória de outras escritoras de diversas épocas em suas ficções.

A partir da análise de um romance e um conto de Maria Firmina dos Reis, Leliane Faustino (UFOP) mostra, em “‘Autora de seus dias’: a mobilização crítica de Maria Firmina dos Reis no romantismo brasileiro”, como a autora contribui estética e politicamente para os contornos do Romantismo, contribuindo para o pensamento intelectual brasileiro.

A literatura contemporânea argentina e sua relação com a crítica feminina está tematizada no ensaio “Um tetinho armado no deserto ou a crítica literária de Tamara Kamenszain”, de Marcela Maria de Paiva Azevedo (UFRJ). Nesse artigo, a autora

reflete sobre a construção de um espaço de acolhimento de mulheres escritoras por meio da crítica literária.

A literatura posta em questão é objeto do artigo “A literatura depois do fim em *O mundo desdobrável*, de Carola Saavedra”, de Vanessa de Andrade e Nilcéia Valdati (Unicentro). Nesse texto, os ensaios publicados por Carola Saavedra por ocasião do colapso provocado pela pandemia são debatidos, mapeando os valores críticos mobilizados pela ficcionista. O corpo e a relação entre literatura e vida também são discutidos no artigo “O riso de Ana Cristina Cesar: a poesia entre o corpo e o texto”, de Maria Beatriz Thibes (USP), que focaliza a poesia crítica ou a crítica presente na poesia de Ana Cristina Cesar.

Os três últimos artigos de nosso dossiê abordam a obra de Maryse Condé. Em “Françoise Ega e Maryse Condé em migrações caribenhas”, Maria Letícia Bezerra (USP) compara as duas escritoras caribenhas e francófonas a partir de noções como literatura-mundo e de literatura migrante. A escrita de ambas é analisada em sua capacidade de conexão com outros sujeitos deslocados, encontrando refúgio na diferença do outro. Em “Subversões em *Eu, Tituba... bruxa negra de Salem*: reflexões sobre a crítica provocadora de Maryse Condé”, Beatriz Tereno Correa Genial (USP) explora os conceitos críticos articulados por Maryse Condé em suas entrevistas e como tais ideias estão presentes em seu romance. O terceiro texto sobre a escritora é assinado por uma das editoras do dossiê, Viviane Araújo Alves da Costa Pereira (UFPR) e Jéssica Andrade de Lara (UFPR). Em “Vozes de Maryse Condé”, as autoras analisam textos de crítica da autora e mapeiam momentos de autorrepresentação autoral em textos publicados em periódicos, assim como a valorização do novo e do espírito de oposição.

Esta edição conta ainda com o exercício de estilo assinado por Mariana Cobuci Schmidt Bastos, que dialoga poeticamente com Ana Cristina Cesar e a resenha do livro *Não escrever [com Roland Barthes]*, de Paloma Vidal, por Katerina Blasques Kaspar (USP). Por fim, encerramos a edição com um texto fora do dossiê sobre escritoras críticas, mas em diálogo transversal com o tema, temos o artigo “Da sensibilidade à criação: a Albertine de Proust e o aprendizado da arte, de Betyssa Starling (USP), que mostra como Albertine promove a convergência dos grandes temas desenvolvidos, revelando-se a mediadora do aprendizado do narrador.

O dossiê revela, como vemos, diversos matizes da crítica assinada por mulheres, muitas se desdobrando enquanto escritoras e críticas, explorando fronteiras, expondo fraturas e silenciamentos, mas sobretudo uma forma singular de olhar para a literatura. Boa leitura!

Viviane Araújo Alves da Costa Pereira
Mônica Gama
Maria Letícia Macêdo Bezerra
Maria da Luz Cristo